



ÚLTIMO DOMINGO DEPOIS DA EPIFANIA

Transfiguração do Senhor

(22/02/2004)

1ª leitura (Antigo Testamento) - Êxodo 34:29-35

O bloco temático que se encontra entre Êxodo 19 e Números 10:10 é chamado por Von Rad de "Bloco da Lei". Aproveitando a parada no Sinai (e possivelmente a tradição mais antiga dos dez mandamentos, cf. Êx 20) os sacerdotes do pós-exílio comandados por Esdras incluíram um grande conjunto de Leis destinadas a regular o funcionamento do segundo Templo de Jerusalém mandado construir pelo rei persa Ciro em 538 a.C. e terminado em 515 a.C. Além das leis relativas ao Templo Esdras buscou instaurar uma nova ordem em harmonia com os interesses persas tendo no comando a classe sacerdotal de Jerusalém.

No texto deste domingo busca-se vincular a classe sacerdotal, representada por Arão à frente do povo, com a tradição dos dez mandamentos. Os Dez Mandamentos foram para a lei de Israel assim como a Constituição é para nossas leis. Todas as leis devem partir da Constituição e jamais podem ser contra ela. A nova lei sacerdotal queria demonstrar que estava em completa harmonia com os Dez Mandamentos e que devia assim ser aceita por todo o povo. Na época isso se demonstrava atribuindo toda a lei a Moisés.

No entanto, a aplicação das leis sacerdotais foi demonstrando que não havia uma harmonia automática entre os estatutos sacerdotais e os mandamentos de Moisés. A letra aceita tudo mas o amor, a misericórdia e a verdade só podem ser lidos no coração humano e não em frias leis. O apóstolo Paulo resumiu isso de forma belíssima na sua exaltação do amor como fonte e destino de tudo o que é divino: *"Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará"* (1 Coríntios 13:2-3 RA).

É possível que como Pedro, João, Tiago (Lc 9:32-33) e Moisés (Êx 34:29) fiquemos envolvidos pela visão da glória de Deus mas o único caminho para alcança-la é o amor! (Humberto Maiztegui Gonçalves)



2ª leitura - I Coríntios 12.27 – 13.13

Em um livro lido por milhões de pessoas aparece uma frase igualmente conhecida, mas que parece ainda não compreendida: “o essencial é invisível aos olhos”. As pessoas parecem se relacionar muito bem com coisas passageiras e banais; coisas que não permanecem nem duram. Esta é a grande condenação que paira sobre nossa sociedade: ela está condenada a amar e a buscar avidamente o que não tem duração, o que se extingue, o que passa. Ela está condenada a colocar sua felicidade em coisas que são transitórias e fluidas e não entende que, ao fazer isso, perde a essência das coisas e esquece o que, de fato, importa.

No texto da epístola de hoje, vemos que a busca desenfreada pela aparência não é um problema recente. Desde o capítulo 12 até o 14, Paulo está tratando dos dons do Espírito Santo. Paulo procura instruir aquela igreja sobre os dons mais importantes e mais necessários. O interessante é que exatamente no meio de sua argumentação ele abre um parêntesis para falar do amor. O amor, que, para ele é “um caminho sobremodo excelente”. (12:32 ou 13:1)

Em sua argumentação o caminho do amor é o caminho mais excelente por pelo menos três razões.

Em primeiro lugar, porque é superior ao espetáculo das línguas. Para Paulo estava claro que a igreja de Corinto havia elegido o dom de línguas como o mais importante de todos. Falar em línguas era ser considerado como “espiritual” pelos demais membros da igreja. Aquele que falava em línguas ostentava um *status* que os demais não tinham. Falar em línguas abria certas portas naquela comunidade.

Parece que, mesmo diante das palavras de Paulo, ainda hoje as pessoas elegem o dom de línguas, ou qualquer outro dom, como uma espécie de “marca”, de “sinal” que aponta para um “padrão de qualidade” que coloca seus detentores acima dos demais membros do grupo. A igreja passa a ser “dividida” em função deste ou daquele dom. Mais do que isso, a igreja passa a ser julgada e vista em função da presença ou ausência deste ou daquele dom. Pessoas são julgadas e seu espaço na comunidade é ou não tolhido, em função da existência ou não de certos dons.

Para Paulo amar é muito mais importante do que falar em línguas. Falar todos os idiomas do mundo não vale nada se não existir o amor. (v.1) Todas as línguas, sem amor, me fariam igual a um sino qualquer, a um metal que emite um som que está condenado a se enfraquecer com o tempo e desaparecer.

Em segundo lugar, porque é superior ao espetáculo dos milagres. A igreja em Corinto recebia, constantemente, a influência advinda da cultura



grega. Para os gregos, a sabedoria era almejada e desejada avidamente, sobretudo. As pessoas se ajuntavam nas praças para assistir os debates filosóficos e torciam como quem torce por um gladiador. A sabedoria e o conhecimento eram celebrados como troféus na cultura grega. Ao lado da sabedoria (inclusive acerca do que ainda vai acontecer: profecia) estavam os milagres. Transportar montes, operar maravilhas, mudar a realidade, dominar o mundo físico, sempre foram alvos da obsessão da humanidade.

Ainda hoje a humanidade continua a mesma. Ter ou possuir a capacidade de "saber" o que ninguém sabe, e de manipular o mundo físico, continuam sendo obsessões em nossa sociedade. Milhares de pessoas buscam respostas sobre suas questões nos "iluminados" que povoam nossas cidades. Milhares buscam a capacidade de "manipular" a realidade e se livrar de uma doença mortal ou mesmo, redirecionar a vida de seus cônjuges.

Mas, mais uma vez, Paulo repreende aquela comunidade ao afirmar que, toda esta capacidade, sem o amor, nos transformaria em nada. (v.2) Eu "nada serei" sem amor. É o que ele nos diz. Não serei o "iluminado", ou o "capaz", ou o "santo", ou o "espiritual", não serei NADA se não tiver amor. Toda a minha vida e todas as minhas obras serão reduzidas à inexistência e à irrelevância, se o amor não esteve presente.

Em terceiro lugar, o amor é o caminho mais excelente, porque é superior ao espetáculo da mortificação. Em Corinto havia muitas escolas filosóficas, e algumas delas ensinavam que a verdadeira sabedoria só poderia ser encontrada na mortificação e na negação dos prazeres e dos bens. Por isso não era incomum encontrar pessoas que estavam dispostas a abandonar tudo o que tinham dando aos pobres.

Hoje há pessoas assim também. Muitos acham que a saída para seu fracasso espiritual, ou sua falta de sentido na vida, está em algum tipo de mortificação ou auto-negação. Elas possuem um desejo quase mórbido de "trocar" algo que possuem (bens, dinheiro, prazer) por algo que não têm (sentido, razão, etc). Paulo, mais uma vez nos diz que de nada adianta distribuir tudo que temos com os pobres se isso não for motivado pelo amor, e não pelo egoísmo. (v.3) Mesmo o meu martírio, para nada aproveitaria.

Nós vivemos cercados por muitos deuses: os bens, o prazer, a paz e o sentido na vida também. Muitos fazem qualquer coisa para terem isso. Leloup, contudo, nos ensina que, "o amor é o único Deus que não é um ídolo; só o possuímos quando o damos".

Quando nossas comunidades viverem o amor, os caminhos menos importantes desaparecerão de diante delas. Então ocorrerá uma *transfiguração* em nossas vidas. Nosso rosto brilhará e estaremos prontos para descer o monte e servir as multidões que sofrem sob a ação do princípio dia-bólico. (Jorge Aquino)



Santo Evangelho - Lucas 9.28-36

O domingo da Transfiguração encerra o período da Epifania. A cada ano, lemos a versão diferente que cada evangelista deu a esse episódio. Em geral, não há grandes diferenças entre os sinóticos. Lucas insere o episódio no contexto da grande pergunta que perpassa o final da primeira fase do ministério de Jesus, na Galiléia, antes do início da caminhada para Jerusalém. A grande pergunta é "quem é Jesus"? Após tantos milagres, pregações e sinais, todos estão confusos. Herodes estava perplexo (Lc 9.7-9), o povo imaginava que Jesus fosse Elias ressuscitado (9.19). Pedro, porém confessa: "És o Cristo de Deus" (9.20). Oito dias depois dessa afirmação de Pedro acontece o episódio onde Deus confirma: "este é meu Filho amado" (9.35). Há uma relação formal entre o relato da transfiguração e o do batismo de Jesus – a voz do céu se manifesta com as mesmas palavras.

A beleza da cena é inimaginável e é descrita com assombro e admiração pelos redatores bíblicos com a utilização de linguagens epifânicas: o rosto de Jesus brilha como o sol e suas roupas como a luz (vers. 2). As roupas sempre indicaram o status, a identidade social. As vestes resplandescentes indicam que Jesus pertence à esfera celestial. A cena é enriquecida com a visão de Moisés e Elias e com a própria intervenção da voz divina.

No momento da transfiguração do Senhor quando o mais apropriado seria o silêncio da contemplação, Pedro, extasiado, começa a falar impensadamente, como era típico de sua natureza. Tentando perpetuar aquele momento e reverenciar a memória de dois grandes líderes do judaísmo, o apóstolo sugere a construção de três tendas – uma para Moisés, outra para Elias e a terceira para Jesus. O desejo de Pedro, porém, não era o desejo de Deus. O texto diz claramente que "enquanto Pedro ainda falava" (versículo 5), Deus interrompeu, como que dizendo: "Não ouçam o que Pedro diz. Ele não sabe o que está falando, pois fala movido pelo impacto da emoção dessa experiência religiosa. Ouçam a Cristo" ("Este é meu Filho amado, ouçam-no").

De fato, se a proposta de Pedro fosse ouvida, a Igreja já nasceria dividida, com três diferentes líderes, cada qual com sua tenda. Desse modo, essa narrativa pode espelhar conflitos teológicos existentes já na Igreja Primitiva, particularmente entre os grupos de judeus que se convertiam a Cristo.

Moisés é, até hoje, lembrado em certos grupos judaicos como "O Legislador". Através dele, o povo recebeu a Lei de Deus. Sua pessoa representava a Lei, a Torah. Em sua tenda predominaria a lembrança e o respeito à Lei. De fato, o apóstolo Paulo durante o seu ministério, viu-se várias



vezes em conflito com os chamados “judaizantes”, cristãos oriundos do judaísmo e que insistiam no cumprimento de certas prescrições legais da cultura judaica, tais como a circuncisão, a guarda do sábado ou as restrições alimentares. Esse grupo até consegue uma certa vitória no primeiro concílio da Igreja em Jerusalém, quando prescrevem que os cristãos oriundos do mundo gentílico deveriam respeitar as prescrições alimentares do judaísmo (At 15.29). Porém, até onde sabemos, essa primeira resolução conciliar nunca chegou a ser acatada em todo o cristianismo.

Elias foi o primeiro grande profeta clássico do judaísmo. Os profetas eram pessoas carismáticas, que relativizavam a lei ou que a interpretavam de modo muito mais profundo e criativo que as interpretações normais. Eles não se fixavam na rigidez da letra da lei, mas procuravam seus princípios. Ou seja, a letra da lei não era a última palavra, mas a primeira, a partir da qual seria possível identificar a vontade de Deus no momento presente. Muitos desses profetas tinham comportamentos estranhos e afirmavam que Deus lhes falava diretamente ou por meio de sonhos, visões e êxtases. Por isso muitos profetas tiveram sérios problemas com os sacerdotes responsáveis pelo cumprimento da Lei. Jesus, quando entra em Jerusalém, lamenta ser ela uma cidade “que mata os profetas” e num de seus mais fortes discursos contra os fariseus acusa-os de serem responsáveis pela morte de muitos profetas que foram torturados, crucificados e assassinados (Mt 23.34-35). Elias, para muitos cristãos primitivos, representava a força do carisma profético. Em sua tenda, valor maior seria dado ao carisma.

Ainda hoje há discípulos de Cristo que insistem em viver sob a tenda da lei. Naturalmente, não se trata mais das leis judaicas, mas de leis e regras nascidas na própria história do cristianismo, em grupos católicos ou em grupos protestantes e evangélicos. A preocupação central dos grupos cristãos que assim se organizam é defender uma vida cristã marcada pelo legalismo normatizado pelas instituições. Viver sob a lei é pautar a vida pelo que já foi decidido, pelo papel que não dá margem a dúvidas, pelo passado que impede a criatividade e não dá lugar para os riscos, a coragem e a ousadia da fé. A mentalidade da lei toma forma nas normatizações canônicas, no “consenso moral” do grupo ou na rigidez institucional, e não podemos negar que isso às vezes dá bons resultados. Fortalece a identidade confessional e oferece segurança aos fiéis. A Igreja que adota a mentalidade legalista será, sem dúvida, uma instituição fortalecida. O problema é que a Igreja não é só isso, porque as instituições vivem de estatutos e regulamentos, mas a Igreja tem que viver é do poder do Espírito e da liberdade que o Espírito concede. Não nos iludamos com a magnífica proposta política de Pedro. Nós reconhecemos o valor da lei judaica sim, e também de algumas leis, normas e padrões que surgiram na história do cristianismo. Mas ao mesmo tempo, reconhecemos que



“o fim da lei é Cristo, para a justiça de todo o que crê, a justiça que vem pela fé no Filho de Deus” (Rm 10.4).

Já a tenda do carisma parece ser a que mais cresce hoje em dia. É a proposta eclesiológica talvez mais forte em algumas regiões do Brasil, tanto na Igreja Católica Romana quanto em igrejas evangélicas. Até mesmo na Igreja Anglicana, há notícias de grupos carismáticos bastante ativos, que privilegiam manifestações extáticas. O problema, a meu ver não é esse. Há na Igreja lugar para todas as formas de espiritualidade. Os grupos carismáticos certamente têm algumas coisas a nos ensinar. O problema é perguntar se o conteúdo da mensagem, da proclamação e da proposta desses grupos está em continuidade com o princípio profético do Antigo Testamento e de Jesus. Esse princípio profético é sempre questionador das estruturas rígidas e distingue-se particularmente pela denúncia das opressões sociais, pela defesa dos pobres e oprimidos e pelo compromisso com esses. Devemos nos perguntar então se o carisma profético de alguns grupos que privilegiam essas experiências mais extáticas coaduna-se com o mesmo princípio profético que moveu Elias, Jeremias, Amós, Miquéias e Jesus. Se for um princípio diferente, de profetas que dizem apenas o que as pessoas (e particularmente os poderosos) querem ouvir, que nunca denuncia as opressões e não se importa com as injustiças, caracteriza-se então pelo princípio do “falso profeta”. Sim, pois no Antigo Testamento, os falsos profetas também tinham manifestações extáticas rigorosamente iguais, do ponto de vista fenomenológico, às dos legítimos profetas de Deus. Nessa hora necessitamos então do critério do discernimento que nos é oferecido pela própria vida de Jesus.

Finalmente, é preciso considerar que na proposta de Pedro estava implícita também a construção de uma tenda para Jesus. E Deus não permitiu que isso acontecesse. Por que será? Não seria óbvio homenagear a Cristo com uma tenda em seu nome? É preciso admitir que uma tenda, por mais útil que seja para proteger-nos do vento noturno num acampamento, ela é sempre um espaço que impõe limitações de movimento e de visão. Eu, que já dormi em tendas em acampamentos sei muito bem o que é isso. Debaixo de uma tenda só conseguimos ver dois metros acima de nossas cabeças. Quando Deus quis mostrar a Abraão o tamanho da sua promessa, teve que arrancá-lo de sua tenda e levá-lo a contemplar as estrelas que cintilavam nos céus e que Abraão não podia ver dentro da tenda.

Ao rejeitar a proposta de Pedro de construir uma tenda também para Jesus, Deus estava nos mostrando que não podemos viver sob limitações que poderiam nos acomodar à segurança e nos impedir de ver os desafios e a promessa de Deus em novos horizontes. Viver a vida cristã dentro de uma tenda é algo confortável, seguro e fácil. Mas a fé se mostra eficaz é fora da tenda. É interessante observar que a narrativa termina dizendo que, logo após



a transfiguração, os discípulos desceram o monte com Jesus para se defrontar com os embates da vida diária onde a fé realmente se mostraria eficaz.

Isso tudo nos esclarece o significado de um versículo do evangelho de São Lucas: “a lei e os profetas vigoraram até João (o Batista); desde esse tempo vem sendo anunciado o Reino de Deus” (Lc 16.16). O Reino de Deus chegou a nós de forma plena em Jesus Cristo. Nem a lei nem os profetas podem ofuscar Jesus Cristo. As leis têm seu lugar na vida da Igreja, assim como os carismas. Mas não podem ser o centro da vida cristã. Cristo é a cabeça do corpo, e na sua Igreja não pode haver lugar para tendinhas, porque o cristianismo é muito mais do que a lei e muito mais do que o entusiasmo carismático.

Aprendamos com o erro de Pedro a olhar somente a Cristo, a não nos deixarmos iludir pelas emoções religiosas ou pela segurança de normatizações petrificadas e a não aceitarmos viver debaixo de outros domínios que não o de Jesus Cristo, nosso Senhor. (Carlos Eduardo Calvani)